

O “dispositivo” no romance *La casa de los conejos*, de Laura Alcoba

Debora Duarte dos Santos

Universidade de São Paulo (USP)-FAPESP

deboraduarte@usp.br

Resumo

O trabalho a seguir analisa o romance *La casa de los conejos*, da argentina Laura Alcoba, a partir de intersecções entre a filosofia e a literatura, pretendendo-se explicitar de que modo os “dispositivos” sociais, dos quais fala Foucault, desestabilizam a vida da protagonista do romance.

Resumen

El trabajo que sigue analiza la novela *La casa de los conejos*, de la argentina Laura Alcoba, desde las intersecciones entre la filosofía y la literatura, cuya pretensión es explicitar de qué modo los “dispositivos” sociales, de los cuales habla Foucault, desestructuran la vida de la protagonista de la novela.

Abstract

The paper examines the novel *La casa de los Conejos*, of the Argentinian Laura Alcoba, from intersections between philosophy and literature, intending to explain how the social "devices", explained by Foucault, destabilize the novel protagonist's life.

Apresentação da obra

Manèges: petite histoire argentine (2006) é o título que dá nome ao romance de Laura Alcoba publicado na França pela Editora Gallimard. Em 2008, o editorial Edhasa o apresenta ao público argentino sob tradução de Leopoldo Brizuela.

O romance de Alcoba narra os eventos de sua própria infância, de modo que aquela que escreve adota a mirada infantil acerca de determinada realidade. É na posição de criança que a autora demonstra as vicissitudes pelas quais passou durante sua infância argentina. Por conta disso, *La casa de los conejos* apresenta-se como uma obra de assentamentos autobiográficos¹,

¹ Para tal questão nos valem das reflexões arroladas por Leonor Arfuch, em *O Espaço Biográfico: Dilemas da subjetividade contemporânea*, publicado em 2010, pela EdUERJ. Em sua obra, Arfuch propõe uma possível reconfiguração do espaço que conforma as “escritas do eu”, revisitando concepções consagradas no âmbito da autobiografia. É borrando determinados contornos dessas concepções, sobretudo as abordadas por Lejeune e Starobinski, que Arfuch discute a necessidade de novas proposições para o cenário das “escritas do eu”, nomeando-o como “espaço biográfico”. Tal nomenclatura nos permite entender que os gêneros que conformam as modulações do vivencial são possuidores de características que transitam entre si, isto é, torna-se praticamente impossível estabelecer categorias tão fixas e taxativas, tais quais as postuladas por outros intelectuais, já que tais proposições acabam limitando o campo teórico, não dando conta do horizonte (múltiplo) que, hoje, vemos desenhado. Ademais, Arfuch ressalta outro aspecto relevante para o espaço biográfico ao afirmar que o exacerbado retorno às narrativas autorreferenciais se deve, em certa medida, a uma característica que é intrínseca à contemporaneidade, isto é, para Leonor Arfuch, há como que uma compulsão pela realidade, um desejo em

cuja narração em primeira pessoa vislumbra à (re) construção da própria história daquela que narra.

A obra tem como pano de fundo o contexto que estava instaurado no país na década de 70. A marcação temporal alude ao período entre 1975 e 1976, ou seja, o momento de transição entre a última fase do governo peronista, o Golpe e o estabelecimento do Estado autoritário, que se estendeu até 1983.

No que concerne à trama, podemos afirmar que ela se inicia logo no prólogo, pois já no prefácio Alcoba esclarece as principais questões que a levaram à *La casa de los conejos*, evidenciando quais aspectos a impulsionaram a lembrar a Argentina e todo contexto sociopolítico, daquela década. A autora arquiteta uma espécie de narratário cujo nome é Diana² e é para esse narratário que justifica a razão de ser de seu romance, tal como vemos a seguir:

[...] antes de comenzar esta pequeña historia, quisiera hacerte una última confesión: que si al fin hago este esfuerzo de memoria para hablar de la Argentina de los Montoneros, de la dictadura y del terror, desde la altura de la niña que fui, no es tanto por recordar como por ver si consigo, al cabo, de una vez, olvidar un poco. (ALCOBA, 2009, p. 11).

Com relação aos personagens que compõem a trama do romance, temos o seguinte: a própria narradora Alcoba aos seus sete anos de idade; seus pais, que aqui não possuem nomes revelados; Diana Teruggi e Daniel Enrique, pais de Clara Anahí, recém-nascida; os avós da narradora, com os quais ela passava boa parte do tempo; uma figura que a narradora cognomina de Ingeniero e que, ao fim do romance, se sugere que tenha sido o delator do grupo. Além disso, temos os personagens secundários, como os demais membros montoneros, que também não têm suas identidades reveladas; as monjas da escola; a vizinhança, etc.

O espaço físico centraliza-se na cidade de La Plata, mas também podemos pensar que em *La casa de los conejos* esta instância narrativa é, em certa medida, itinerante, sobretudo, porque os personagens, antes de se instalarem em La casa de los conejos, mudam de residência constantemente, a fim de se resguardarem das possíveis perseguições políticas.

saber e conhecer o espaço da outridade, pois: “a disseminação do biográfico [...] está longe de supor somente uma virada formal, uma mera coincidência temática, uma ampliação do território dos gêneros para novas variáveis [...]. Trata-se [...] de uma verdadeira reconfiguração da subjetividade contemporânea [...]”. (ARFUCH 2010, p. 339).

² Diana Esmeralda Teruggi, de fato, existiu e também vivenciou a política do Estado autoritário que havia sido instaurada na década de 70. Atualmente, vários sites responsáveis pelos assuntos relacionados aos Direitos Humanos tratam de oferecer informações acerca dos eventos ocorridos, bem como nomes e fotos de assassinados, presos e/ou desaparecidos políticos. Em <http://www.desaparecidos.org/arg/laplata/> podemos, inclusive, encontrar o nome e a foto de Diana Teruggi e o nome de seu esposo Daniel Enrique. No site, encontramos a seguinte informação: “Diana y Daniel eran militantes montoneros. Tenían una nena de 3 meses de edad, Clara Anahí. Vivían en una casa quinta en la calle 30 entre 55 y 56, donde tenían una imprenta en la que producían la revista Evita Montonera. El 24 de noviembre de 1976 fueron atacados por más de 200 miembros de las fuerzas armadas, la casa destruida por armas de fuego, y Diana fue asesinada. Se llevaron robada a la nena, diciéndole a la familia que había muerto en el tiroteo. La familia comprobó que no fue así, y treinta años más tarde la siguen buscando”.

O “dispositivo”

...o poder não é algo que se detém como uma coisa, como uma propriedade, que se possui ou não. Não existe de um lado os que têm o poder e de outro aqueles que se encontram deles alijados [...] o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. E que funciona como uma maquinaria, como uma máquina social que [...] se dissemina por toda a estrutura social. Não é um objeto, uma coisa, mas uma relação.

Roberto Machado

Nos idos da década de 70, num dos cursos que ministrou no *Collège de France*, o filósofo Michel Foucault trabalhou com o conceito de “governamentalidade”³, termo esse que perpassa grande parte de sua obra e que podemos relacioná-lo ao de “dispositivo”. É nos interstícios das reflexões foucaultianas que identificamos a existência de uma vasta gama de instâncias sociais que “governam” o sujeito e instauram relações de domínio e “sujeição”. Na dinâmica pensada pelo intelectual todos e quaisquer grupos são perpassados pelas ações dos “dispositivos” sociais.

Para Foucault os “dispositivos” se configuram de formas específicas, ou seja, os diversos espaços institucionais de controle (FOUCAULT, 1982, p. VII) possuem técnicas/ “estratagemas” pontuais que se articulam, tendo em vista os fins da ação. Na introdução que Roberto Machado (1982, p. XII) faz à obra de Foucault fica nítido que há certa tecnologia do poder, procedimentos técnicos que “[...] realizam um controle detalhado, minucioso do corpos, atitudes, comportamentos, hábitos, discursos”.

De igual modo, Echavarren (2011, p. 47) explicita que os exercícios de poder que se articulam ao Estado atuam como uma “malha” na qual macro e micropoderes são pensados em consonância. Desse modo, identificamos que, além do Estado, várias são as instâncias sociais (política, família, escola, igreja, justiça, etc.) que cuidam para que a disciplina e o controle “governem” o sujeito.

O filósofo Giorgio Agamben em “¿Qué es un dispositivo?”⁴, afirma que Foucault não chegou a definir *stricto sensu* o conceito “dispositivo”, mas aponta que podemos nos apropriar de uma possível definição do termo a partir da seguinte tríade: em primeiro lugar, o “dispositivo” pode ser considerado como um conjunto heterogêneo, capaz de condensar uma série de elementos que estão interligados entre si; um segundo aspecto seria sua função estratégica e, em terceiro lugar, o “dispositivo” assinala algo mais genérico que podemos chamar de “rede”. Agamben expõe que para Foucault o “dispositivo” seria:

³ Ver: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 3ªed. Org. e Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

⁴ Texto disponível em: <http://www.scribd.com/doc/53262114/16816242-Agamben-Giorgio-Que-Es-Un-Dispositivo>. Acesso em 26/06/2012.

[...] en primer lugar, un conjunto resueltamente heterogéneo que incluye discursos, instituciones, instalaciones arquitectónicas, decisiones reglamentarias, leyes, medidas administrativas, enunciados científicos, proposiciones filosóficas, morales, filantrópicas, brevemente, lo dicho y también lo no-dicho, éstos son los elementos del dispositivo. El dispositivo mismo es la red que se establece entre estos elementos.⁵

Desse modo, é importante ater-se à relevância que essa concepção de “rede” adquire para as proposições instauradas pelo filósofo, já que para Foucault cada elemento de modo isolado não dá conta da superpotência que é o “dispositivo”, inclusive porque ele só pode ser pensado à medida que o consideramos como uma rede na qual várias instâncias dialogam, se conectam. Portanto, reiteramos aqui que é inerente ao “dispositivo” uma lógica específica, instauradora de práticas sociais de poder.

O “dispositivo” em La casa de los conejos

Como já mencionado, no romance de Laura Alcoba é perceptível a delimitação de um recorte temporal, período que compreende os anos de 1975 a 1976. Atentar para a perspectiva diacrônica é de suma relevância, uma vez que, como abordado por Foucault, os “dispositivos” se configuram de modo peculiar e várias são as questões que entram em jogo, como por exemplo, o caráter histórico e a dinâmica social que rege determinado grupo.

Em *La casa de los conejos* a marcação temporal em destaque remete-se à fase de transição política na Argentina, que culminou no estabelecimento do Estado autoritário. Como consequência, e em consonância com os pressupostos foucaultianos, evidencia-se ao longo do romance que o próprio Estado e todos os “dispositivos” que a ele se articulam são apresentados pela narradora de modo bastante peculiar, fator que possui intrínseca relação com o período em questão.

Através do olhar da narradora identificamos várias arbitrariedades comandando a sociedade argentina; visualizamos sua inconformidade com relação à estrutura social na qual estava imersa e a superpotência dos “dispositivos” que circundam determinada realidade. Dentre outros aspectos, a narradora expõe circunstâncias que denotam o quão dura é a biografia de uma criança, cuja história é perpassada pelas forças do “dispositivo”. Os cenários de truculência desenhados demonstram que a violência não é somente social ou moral, mas, sobretudo psíquica. Fica evidente que no contexto de exceção não há espaço possível para retaliações, visto que dentre os inúmeros danos pelos quais esses indivíduos passam está a perda de um bem maior: o da identidade.

Várias são as instâncias sociais –“dispositivos”– que se alocam na dinâmica da despersonalização do sujeito, que se unem estabelecendo uma aguda rede de poderes. Em *La casa de los conejos*, por exemplo, podemos citar alguns desses “dispositivos”: a escola, a igreja, o presídio, o partido político/ a família; dentre outros. A rede supracitada denota a pujança de um sistema cujas articulações agem de maneira visceral na vida da narradora. Dentre as distintas consequências ocasionadas por essa “rede” está a necessidade do silenciamento e o viver na clandestinidade, pois como podemos notar a protagonista tem sua própria identidade afetada, já que nomes, sobrenomes, fotografias, endereços, paisagens,

⁵ Ver p. 01 da nota de rodapé 5.

escola, vínculos sociais, etc., são todos elementos de um contexto que não corresponde à sua realidade. Seu caminho é um só: calar-se e silenciar-se diante da realidade, tratando de compreender que sua posição de criança encontra-se relegada a uma esfera social que está aquém daquela que lhe é permitida. E, assim, é que a narradora aprende até que ponto calar é importante e, ademais, compreende que é necessário viver na clandestinidade.

Essa clandestinidade aponta-se como um fenômeno recorrente, posto que, logo no início da narração, a protagonista arquiteta uma cena na qual são prenunciados os vários processos de degradação, isolamento e ilegalidade que perfazem a obra. Podemos visualizar tal afirmação a partir do seguinte excerto:

Hace ya varios días que vivimos en una nueva casa, lejos del centro, a orillas de los inmensos terrenos baldíos que rodean La Plata –esa franja que ya no es la ciudad ni es, aún, el campo. Frente a la casa hay una antigua vía de ferrocarril desafectada, basuras y desechos abandonados, al parecer, hace ya mucho tiempo. De cuando en cuando, una vaca. (ALCOBA, 2009, p. 13).

A narradora evidencia ao longo do romance que o viver à margem era consequência da escolha feita por seus próprios pais, uma vez que eles não podiam ter suas identidades reconhecidas, inclusive, sua mãe era perseguida pelos militares: “Mi madre debe tratar de no salir de casa: su foto ha aparecido publicada en los diarios” (ALCOBA, 2009, p. 63).

Nesse caso, o estar na marginalidade deve-se ao fato de que seus pais fizeram uma escolha: a de ser militantes, a de pertencerem a uma organização política –os Montoneros. Essa eleição não é acolhida pela narradora, de forma positiva, e a todo tempo ela reitera as críticas que faz a sua família; suas reprovações incriminam, sobretudo, o fato de seus pais alocarem num primeiro plano a militância em detrimento de sua própria condição de filha e de criança. No romance temos duas passagens que elucidam muito bem esse sentimento de rejeição: uma primeira que se refere à mãe e, uma segunda, que tem relação com a figura paterna, como vemos a seguir:

Todo comenzó cuando mi madre me dijo: ‘Ahora, ¿ves?, nosotros también tenemos una casa con tejas rojas y un jardín. Como querías’ [...]. Allí, a menudo, yo soñaba en voz alta con la casa en que hubiera querido vivir, una casa con tejas rojas, sí, y un jardín, una hamaca y un perro. Una casa como ésas que se ven en los libros para niños [...]. Tengo la impresión de que ella [a mãe]⁶ no ha comprendido bien [...] *lo que yo quería era la vida que se lleva ahí dentro*⁷ [...] Me pregunto cómo hemos podido entendernos tan mal; o si en cambio ella se obliga a creer que mi único sueño, el mío, está hecho de jardín y color rojo. (ALCOBA, 2009, pp. 13-14).

Com relação ao pai a narradora expõe uma cena na qual o visita no presídio, pela segunda vez:

Yo doy algunos pasos en dirección a mi padre, sin despegar los ojos del caño más próximo, el del hombre que está justo frente a mí. Veo bien que ese agujero negro queda justo a la altura de mi sien [...] Algunos pasos más y ahí estoy, presa de una descompostura y de un

⁶ Observação por mim introduzida.

⁷ Os itálicos são meus.

escalofrío que trato de contener. Es la náusea, tan sorpresiva como poderosa. Mi estómago se convulsiona violentamente, pero consigo sin embargo dar unos pasos más hasta aferrarme a una de las mangas azules del uniforme de mi padre. *Llegada junto a él, le vomito en la oreja*⁸. (ALCOBA, 2009, pp. 91-92).

Nas respectivas cenas, observamos que as construções elaboradas pela narradora são bastante simbólicas, demonstram o desconforto e as incompatibilidades que ela possui em relação aos seus pais. Na primeira cena, transparece a incompreensão que reside na relação da narradora com sua mãe, assistimos ao entrave dialógico entre as personagens, quererem que estão situados em lados opostos, na contramão. No segundo caso, a narradora explicita que estar diante do “[...] agujero negro [...] justo a la altura de [su] sien [...]” é, também, uma situação que ela só vivencia por conta da opção feita por seus pais e em represália a tal situação “Llegada junto a él, le vomit[a] en la oreja”, ou seja, ela não vomita em qualquer parte do corpo de seu pai, ela regurgita em sua orelha, órgão esse que tem relação com o aparelho auditivo do sujeito, o meio através do qual se torna possível a interlocução entre os indivíduos, meio através do qual se perfazem possibilidades dialéticas, mas na relação que possuía com seu pai sabemos que a realidade era outra. Assim, a narradora alega que no caso específico de seus pais o percurso planejado divergia de seus anseios pessoais, visto que para eles o partido sempre fora mais importante, logo, o espaço cedido para o diálogo era raro, melhor dizendo, escasso.

Outro aspecto relevante e que também diz respeito à crítica que a narradora faz às práticas exercidas pelos militantes encontramos no seguinte excerto:

Por el camino de vuelta, me detengo al borde de una u otra zanja de aguas servidas. Tengo un pequeño frasquito para encerrar renacuajos. Por fin vuelvo rápido a tomar la merienda. Hoy es el día en que se limpian las armas. Yo trato de encontrar un pequeño sitio limpio en la mesa atestada de hisopos y cepillos empapados en aceite. No quiero ensuciar mi rodaja de pan untada con dulce de leche. (ALCOBA, 2009, p. 84).

Como podemos ler no trecho acima, a violência se prefigura com um componente altamente devastador, ela atinge o cotidiano da protagonista, inclusive as cenas que ela observa não possuem distinção de idade, gênero, crença, ideologia, ou o que quer que seja. Aqui todos são apreciados como uma massa uniforme. A repressão está por todas as partes, a ação do “dispositivo” se revela em surdina, no dia-a-dia.

Prosseguindo, identificamos a ação de outros dois “dispositivos”: a escola e a igreja. Isso porque há um fragmento no qual consta a truculência com que uma das monjas age com uma companheira da protagonista, enquanto estavam na escola, no momento da parada para a merenda. A brutalidade é tamanha e tão famigerada que a própria condição infantil é ignorada pela irmã. A narradora aponta que:

...hoy, poco antes de terminar el recreo, ha sucedido algo, un hecho que ha perturbado estos flujos colectivos. Dos niñas, como arrebatadas de su nebulosa, desprendiéndose al fin del movimiento del grupo, quedaron aisladas en una esquina del patio. La menor se arrodilló ante la otra, una nena de largo pelo rubio, y entre nueve y diez años.

⁸ Os itálicos são meus.

Entonces la mayor sacó de uno de sus bolsillos un pañuelo de liencillo y se cubrió la cabeza, mirando fijo al frente, como ignorando a la otra que, por su parte, juntó las manos, igual que la hermana Rosa, cada día, cuando empieza a rezar. Una monja cruzó corriendo el patio y fue hacia ellas: —Pero ¿qué están haciendo? ¿Qué disparate es éste, por Dios Santo? —Estamos jugando a la Virgen María —respondió la pequeña, aún arrodillada—. Leonor es la Virgen María y yo me arrodillo ante la Virgen María. Parecía muy orgullosa de sus explicaciones. Pero la monja arrancó con rabia el pañuelo blanco que la mayor tenía sobre la cabeza y puso en pie brutalmente a la otra niña, zamarreándola por un brazo. La pequeña gritaba: —¡Pero es la Virgen María! La hermana descargó el peso de su mano sobre la cara de la niña y el chasquido del bofetón resonó fuerte en el patio, siempre tan silencioso. —¡Esto es gravísimo! ¡Gravísimo! Nadie tiene derecho a jugar a la Virgen María. Nadie ¿entienden? Nadie. La directora, una monja vieja y muy arrugada, apareció en el patio como por milagro, flanqueada por otra hermana. Formaron un círculo y discutieron entre ellas, muy agitadamente. (ALCOBA, 2009, pp. 93-94).

De modo contraditório, vemos que o “dispositivo” que aqui é exposto está na verdade atuando na contramão dos preceitos que por ele são tidos como “bons, corretos e mantedores do progresso”. A prática exercida pela monja é, melhor dizendo, um excesso de barbaridade que comprova sua posição de poder diante da fragilidade daquele que apenas representa um mundo que lhe é, cotidianamente, exposto. A cena narrada explicita que a condição da criança é solapada e, assim, elas têm de viver sob o sentimento de agonia.

Com relação às ações diretas dos militares, destacamos, dentre vários, um episódio cuja narradora só teve ciência com o passar do tempo; notícias que “han llegado en retazos, con cuentagotas, a lo largo de los años y de manera bastante confusa” (ALCOBA, 2009, p. 123) e tempos depois, através de um modo bastante trágico, é que a narradora pode ter conhecimento do fim dado à casa na qual se comercializavam *conejos*, a casa que, apesar de tanta tristeza, era símbolo de sua infância e na qual estavam impregnados extratos de uma história da qual ela também era personagem:

Muchos años después, ya bien avanzado el nuevo período democrático, mi padre, en libertad desde poco después de la Guerra de Malvinas, cuando la dictadura había comenzado a derrumbarse y ya no pudo retener a los presos políticos, me tendió un libro diciéndome: “Tomá. Acá se habla de la casa donde viviste con tu madre”. No dijo nada más. En verdad, nos cuesta mucho hablar de todo aquello. El libro en cuestión lleva por título *Los del '73. Memoria montonera*. Consiste en el testimonio de dos viejos militantes, Gonzalo Leonidas Chaves y Jorge Omar Lewinger. Yo busqué el pasaje al que mi padre había hecho alusión: no fue sino en las últimas páginas de la obra que me topé con estas líneas: “Me entero de un enfrentamiento producido en La Plata y salgo a comprar el diario. Leo en *La Gaceta* del 25 de noviembre de 1976 la siguiente información: *En un enfrentamiento producido ayer, poco antes de las 13.40 horas, cuando los efectivos de seguridad procedieron a rodear la manzana situada entre las calles 29, 30, 55 y 56, se observó que la atención de los custodios de*

la ley estaba concentrada en una vivienda situada entre las calles 29, 30, 55 y 56. Esta casa tenía una placa en la que figuraba la inscripción: Daniel Mariani. Licenciado en Economía. [...] Poco antes de ser utilizado el mortero con el cual se acalló la resistencia, acudió al enfrentamiento el comandante del Primer Cuerpo de Ejército, General Carlos Suárez Mason, el comandante de la Décima Brigada de Infantería, General Adolfo Siggwald, y el titular de la Policía Provincial, coronel Juan Ramón Camps” Los tiros cesaron alrededor de las 16.55. Cuando la policía entró en la casa, encontró siete cadáveres: los de Roberto César Porfirio, Juan Carlos Peiris, Eduardo Mendiburu Eliçabe y Diana Esmeralda Teruggi, más otros tres, totalmente carbonizados, que no pudieron identificarse. Salvo en el caso de Diana, los otros nombres me son desconocidos. Más tarde llegaría a saber que Roberto César Porfirio nos había reemplazado en la piecita del fondo: su esposa había sido asesinada por un comando paramilitar y él necesitaba esconderse con su hija. (ALCOBA, 2009, pp. 124-125).

Conforme, afirmamos que instituições como a igreja, a escola, o Estado autoritário, os partidos políticos e a justiça representam os meandros constitutivos de uma “rede” mais genérica e que uma vez articulados entre si exercem um poder despótico e opressivo, tal como vimos através da mirada infantil da narradora de *La casa de los conejos*. A narradora deixa bastante claro que os “dispositivos” sempre estiveram presentes nos interstícios de sua vida “[...] en todas partes. Sobre todo en esta casa” (ALCOBA, 2009, p. 109), em *La casa de los conejos*.

Considerações Finais

A ideia que percorreu a respectiva análise considerou os desdobramentos sociais da ação dos “dispositivos” dos quais fala Foucault, essa “rede” de diálogos entre distintas esferas sociais que repercutem de modo incisivo na vida dos sujeitos. Em *La casa de los conejos* evidencia-se a potência dos aparatos ideológicos na vida da protagonista do romance, já que a personagem principal aponta que “silenciar” é a ação que organiza sua vida e, inclusive, o campo semântico que perpassa toda a obra está, justamente, saturado por essa ideia. A narradora problematiza que, de fato, nos “dispositivos” sociais há como que uma força propulsora capaz de suprimir o sujeito social.

Ao que nos parece o *modus operandi* que ordena as estruturas do “dispositivo” está pautado em alinhar os distintos sujeitos sociais dentro de uma mesma dinâmica, isto é, o todo heterogêneo que configura o modo de ser social acaba ficando relegado ao segundo plano.

Por fim, podemos afirmar que para Laura Alcoba narrar aqui é o único meio através do qual o indizível pode se tornar dito, o narrar é a única forma de libertação, de exorcização. Como a própria narradora assinala, o esforço ao qual ela recorre de rememorar sua infância argentina deve-se, sobretudo, ao fato de que ela precisa emancipar-se dos fantasmas que a rondam, se deve também à necessidade que ela sentiu em garantir um túmulo àqueles que, durante a ação do Estado repressor foram massacrados e mortos e, além de tudo isso, a narração é uma forma de não olvidar aqueles que, todavia, vivem.

Referências Bibliográficas

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico. Dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ALCOBA, Laura. *La casa de los conejos*. 1ª ed. 3ª reimp. Buenos Aires: Edhasa, 2009.

ECHAVARREN, Roberto. *Foucault: una introducción*. 1ª ed. Buenos Aires: Quadrata, 2011. (Pensamientos Locales).

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 3ªed. Org. e Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

ROMERO, Luis Alberto. *História contemporânea da Argentina*. Trad. Edmundo Barreiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.